

3.2.1 • As incertezas da Europa • A diversidade de situações e de relações

Crise em Espanha: o pior ainda não passou

Judite França

A DÚVIDA PERMANECE e está para durar: tornar-se-á Espanha no quarto país da zona euro a requerer um resgate financeiro? Já teve ajuda para o setor financeiro – o seu principal problema –, recebendo 100 mil milhões de euros para intervir nos bancos em apuros.

Mas outros problemas persistem numa Espanha apanhada pela crise internacional – de onde se destacam as elevadas taxas de desemprego, quase 5 milhões de espanhóis não têm emprego –, em que o tipo de contágio espanhol se assemelha ao caso irlandês, ancorado nos problemas do setor bancário, acabando por destapar os vícios de um mercado imobiliário que se transformou numa bolha especulativa, em que o crédito bancário corria solto.

Que não haja dúvidas: com a taxa de desemprego mais alta dos países industrializados, sob a aspeira da recessão económica (-1,4% em 2012), que se mantém este ano, obrigada a pedir ajuda para o sistema financeiro, Espanha vive uma grave crise, já considerada a pior crise em mais de quatro décadas.

Para ajustar o país à recessão, e obrigado pela Europa a controlar o défice, o governo de Espanha aumentou a idade da reforma, cortou salários na função pública e aumentou impostos, e agora o actual primeiro-ministro vê-se a braços com um escândalo de desvios de verbas, que prejudica a imagem de Madrid, e que já levou os socialistas a pedir a demissão de Mariano Rajoy. Desde que o escândalo encheu as páginas da imprensa espanhola, os custos de financiamento do país voltaram a aumentar, com os investidores a castigarem o governo pela polémica que envolve o primeiro-ministro.

O *rating* da dívida espanhola de longo prazo mantém-se em BBB¹, a dois níveis da temida categoria especulativa, que corresponde a «lixo». Isto porque as agências de notação acreditam que o país continuará a ter acesso ao mercado e, claro, em última instância, pode pedir ajuda europeia.

Resgate à banca

Espanha teve um tratamento peculiar, sobretudo se compararmos com o caso irlandês: também aqui a banca arrastou a economia do país e nem por isso a Irlanda escapou a um plano de intervenção abrangente.

Depois de muita resistência do governo de Madrid, em junho do ano passado a ajuda acabou por chegar à medida dos pedidos espanhóis: ao contrário da Irlanda, a falência de Espanha faria mais moça à Europa, arrastaria Itália e provocaria o tão indesejável efeito dominó entre os Estados-membros.

Um mês antes, o grupo espanhol BFA-Bankia, já nacionalizado, pediu ao Estado uma ajuda públi-

ca de 19 mil milhões de euros, naquilo que é já o resgate mais caro da história da banca espanhola. Esse valor, soma-se aos 4,5 milhões de euros já injetados no Bankia, elevando assim para 23,5 milhões de euros² as necessidades de capital.

No plano de resgate à banca, os 100 mil milhões de euros foram canalizados através do Fundo Europeu de Estabilidade Financeira (FEEF), sob condições. Essa foi uma das vantagens de Espanha: é que o país, confrontado com períodos de recessão, altas taxas de desemprego, uma crise no setor imobiliário e no setor financeiro, tinha já iniciado um programa de cortes orçamentais e de aumento de impostos o que deixou o Fundo Monetário Internacional com a garantia de que o país estaria já a fazer o seu plano de ajustamento, sem necessidade de escrever um memorando em castelhano.

Claro que uma verba desta grandeza, maior do que todo o plano de resgate a Portugal, está condicionado a reformas no setor financeiro e será acompanhado pelo FMI, mas os «homens de negro» não desembarcaram no aeroporto de Barajas como fazem na Portela a cada três meses.

Espanha arrastada para o precipício chamado desemprego

A crescer 4% em 2006, é difícil perceber como Espanha chegou aqui: seis anos depois, mais de um em cada cinco espanhóis, 21% da população³, era classificado como pobre, segundo o Instituto Nacional de Estatística.

Para perceber estes últimos anos, é preciso recuar na história só para culpar a economia mundial, o sistema bancário e voltar ao momento da falência do Lehman Brothers⁴, para perceber como a crise sobrevoou o Atlântico e atacou a Europa. E como o contágio do *subprime* deixou à mostra um sistema financeiro com vícios de origem.

Certo é que essa malformação, esse sistema, intrincado a nível mundial, provocou danos irreparáveis na Europa e em Espanha.

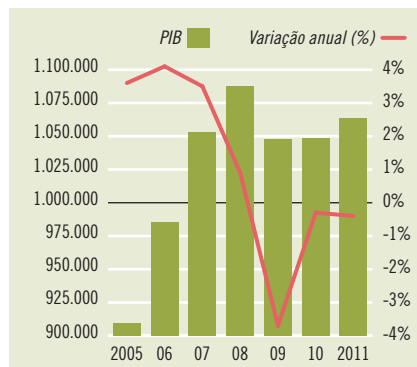
Aliás, Espanha, como outros países, foi afetado, deixando expostos os excessos que o país foi cometendo, por sua culpa apenas. Excessos que se pagam caro: sobretudo na banca, no crédito fácil que endividou as famílias espanholas em busca do sonho da casa própria e até da casa de férias.

Depois de uma fase de elevadas taxas de crescimento (ver gráfico *Taxas anuais*), o país foi atraído para a recessão ou para níveis de crescimento muito baixos, trucidando postos de trabalho⁵.

“Depois de muita resistência do governo de Madrid, [...] a ajuda acabou por chegar à medida dos pedidos espanhóis: ao contrário da Irlanda, a falência de Espanha faria mais moça à Europa, arrastaria Itália e provocaria o tão indesejável efeito dominó entre os Estados-membros.”

Olhando de perto para o PIB dos últimos anos, Espanha entrou em recessão no segundo trimestre de 2008 e continuou a declinar ao longo de 2009, afundando para uma contração de 3,7%. 2010 foi um ano de ligeira recessão, passando em 2011, para um ténue crescimento, que não foi além dos 0,4%, pouco antes da crise da dívida soberana se ter instalado para ficar⁶.

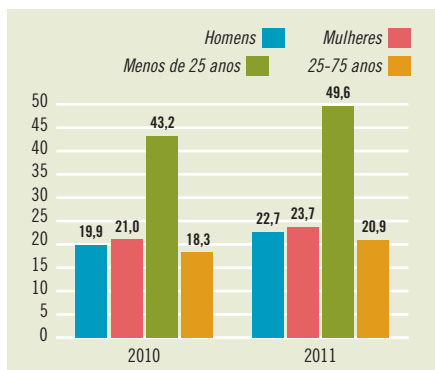
Em 2012, voltou ao vermelho, tendo fechado o ano a perder 1,4%⁷, com a certeza das previsões apontarem 2013 como outro ano de recessão, a que se junta uma conjuntura europeia que dificulta a recuperação e níveis de desemprego



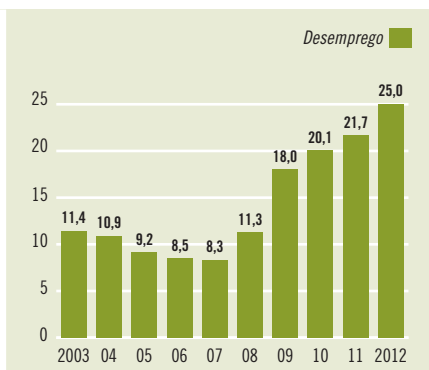
Evolução anual do PIB (em euros).
Fonte: Instituto Nacional de Estatísticas.



Taxas anuais, 2008-2012 (em %).
Fonte: Instituto Nacional de Estatísticas.



O desemprego em Espanha por grupos e anos (em %). Fonte: Eurostat.



nunca antes imaginados. Estes números são do mesmo país que até há seis anos criava 500 mil empregos por ano e que em uma década de crescimento atraiu 5 milhões de imigrantes, que em 2007 passaram a representar 10% da população⁸. É preciso conhecer os números do desemprego para perceber o que se passa em Espanha, onde a crise destruiu mais de 2 mil postos de trabalho por dia durante o ano passado⁹, completando o quinto ano consecutivo de destruição de emprego.

É fácil perceber que com o *boom* na construção civil¹⁰, a mão-de-obra intensiva no setor e a baixa qualificação conviveram bem durante os anos de crescimento; com o país a sofrer uma forte recessão em 2009, o desemprego disparou para 18% e foi piorando. 2009 foi aliás o pior ano de destruição de emprego: perderam-se mais de 1,2 milhões¹¹ de postos de trabalho. No ano passado, foram destruídos 850 mil empregos. Espanha tem mais de 4,98 milhões de desempregados¹², com os mais jovens impedidos de ingressar no mercado de trabalho. Os jovens com menos de 25 anos representam, aliás, mais de metade dos que não têm trabalho, o que faz pensar que esta crise está a esmagar uma geração inteira.

A explosão da bolha imobiliária

Espanha tem, como outros tiveram no passado, uma crise imobiliária que arrasta a economia. Perante uma crise no mercado imobiliário espanhol, vale a pena olhar para o caso sueco, cuja bolha imobiliária rebentou em 1990.

Entre 1986 e 1990, período de expansão, o rendimento disponível das famílias cresceu, com a ajuda de taxas de juro reais reduzidas (-1,6% entre 86 e 90)¹³, com a facilidade na obtenção de financiamento e um regime de subsídios muito favorável ao mercado de habitação. Acompanhar este período, a desregulamentação das instituições financeiras e uma gestão de risco inadequada causaram o caldo que iria entornar-se a partir de 1990, altura em que a correção dos preços de habitação foi rápida. As taxas de juro reais dispararam (15,2% entre 91 e 93), o mercado sentiu a redução do financiamento, levando à redução da liquidez de financiamento no mercado; contração da economia (diminuição do PIB e aumento do desemprego), falência de algumas instituições bancárias (principalmente devido a crédito imobiliário comercial).

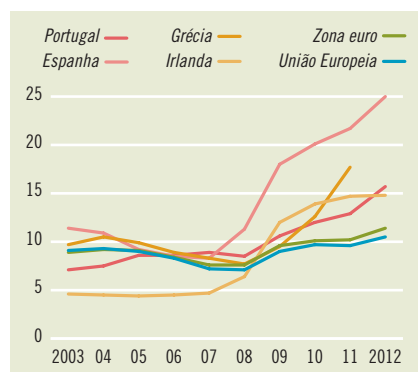
Se transpusermos este exemplo para o caso espanhol, facilmente percebemos o que afeta o setor da construção e a economia espanhola.

É verdade que a forte expansão do setor da construção fez com que o PIB crescesse mais de 60% em apenas 15 anos. Entre 1994 e 2007, os imóveis tiveram uma valorização de mais 170%¹⁴ e o investimento em construção aumentou a sua participação no PIB de 15% em 1998 para 22% em 2007 – mais de 70%¹⁵ deste aumento deve-se ao investimento em habitação, ao qual não é alheio o peso do sector do turismo e a aquisição de segunda habitação para residentes e não nacionais. Mas se em 12 anos, o peso do investimento residencial em relação ao PIB atingiu o seu máximo (2007), bastaram quatro anos para destruir esse crescimento¹⁶.

O drama espanhol e os entraves europeus

Se juntarmos à crise financeira mundial, a crise imobiliária em Espanha, a falta de perspectiva de crescimento, e finalmente a falta de resposta pronta por parte das instituições europeias para as dificuldades encontradas em vários países, em que se propagam os efeitos da crise – assente em dívidas elevadas e mercados com apetência para maltratar os países periféricos – percebe-se que houve uma alteração no financiamento, com Espanha a ocupar uma posição vulnerável perante os mercados.

Noutros países europeus, a origem do problema estava intimamente ligado com a dúvida sobre a sustentabilidade das finanças públicas, mas quando os mercados perceberam a deterioração



Desemprego na Europa (em %). Fonte: Eurostat.

das perspetivas de crescimento e os fracassos na configuração institucional da zona euro para enfrentar o momento, a crise transformou-se no «drama» da dívida soberana.

Sem mecanismos estabilizadores suficientemente poderosos, como têm os Estados Unidos, os países europeus ficaram à mercê dos mercados, que os atacaram sem piedade e ainda continuam a fazê-lo. O tesouro espanhol suportou no início de fevereiro os custos mais elevados no primeiro leilão de obrigações desde que estalou o escândalo sobre o alegado financiamento irregular no partido de Mariano Rajoy.

Na presença da crise, e não podendo mexer na moeda para melhorar a sua competitividade e exportações, Espanha ficou de mãos atadas. São os mercados que se tornam os disciplinadores das opções políticas, com o país obrigado a cortes orçamentais que potenciam ainda mais a recessão. Sem conseguir debelar o flagelo das elevadas taxas de desemprego, confrontado com as debilidades do sistema financeiro contaminado pelos créditos à habitação e pelos exageros de um setor da construção, que antes fora a bonança do crescimento económico e que agora é a representação da tormenta que o país atravessa, Espanha poderá estar condenada ao resgate, a pisar gelo muito fino. ■

Notas

- ¹ Reuters, dia 8 de fevereiro de 2012.
- ² Financial Times, 25 de Maio de 2012.
- ³ Instituto Nacional de Estadística de España.
- ⁴ «Espana: El camino para salir de la crisis», Jordi Cabré – Deming Collaboration.
- ⁵ Paro y empleo temporal durante la crisis: Una comparación entre Francia y España, Samuel Bentolila, Pierre Cahuc, Juan J. Dolado y Thomas Le Barbanchon.
- ⁶ Boletín Económico, Enero 2013, informe trimestral de la economía española.
- ⁷ Instituto Nacional de Estadística de España.
- ⁸ Datos do Eurostat.
- ⁹ Jornal «El País», dia 3 de Janeiro de 2013.
- ¹⁰ «La crisis de la economía española. Análisis económico de la gran recesión», El papel de la construcción en el auge y la caída de los precios de la vivienda en España, Carlos Garriga.
- ¹¹ Cadena Ser, dia 10 de Fevereiro de 2013.
- ¹² Servicio Público de Empleo Estatal.
- ¹³ Fonte: SCB - Estadísticas Suecas, dados compilados por Joaquim Montezuma Carvalho, ISEG.
- ¹⁴ «Claves de la Crisis Económica Española e Retos para Crecer en la UEM», n.º 1201, Eloísa Ortega y Juan Peñalosa, Banco de España.
- ¹⁵ «Claves de la Crisis Económica Española e Retos para Crecer en la UEM», n.º 1201, Eloísa Ortega y Juan Peñalosa, Banco de España.
- ¹⁶ «Claves de la Crisis Económica Española e Retos para Crecer en la UEM», n.º 1201, Eloísa Ortega y Juan Peñalosa, Banco de España.